

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/281634130>

O PROTAGONISMO JUVENIL NA PRODUÇÃO DE RÁDIOESCOLA –UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Article · June 2015

CITATIONS

0

READS

344

2 authors, including:



Marlos Joaquim de Oliveira

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

2 PUBLICATIONS 0 CITATIONS

SEE PROFILE

O PROTAGONISMO JUVENIL NA PRODUÇÃO DE RÁDIOESCOLA - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Marlos Joaquim de Oliveira¹
Diva Souza Silva²

RESUMO:

A educação nos moldes atuais não é capaz de atingir o objetivo explícito de sua definição. Torna-se urgente uma abordagem emancipadora que possa despertar nos discentes a proatividade. Diante desta problemática, o presente artigo busca discutir acerca do protagonismo juvenil, aliado à produção de rádioescola como interface educacional. Para tanto utilizamos a metodologia participativa, aliada a bases teóricas para analisar a experiência sobre o protagonismo juvenil na produção de rádio em uma escola pública do interior de Goiás. Ao final, os resultados evidenciam que o protagonismo juvenil congregado à Educomunicação contribui qualitativamente para o processo de ensino e aprendizagem, motivo pelo qual o presente relato tende a contribuir para o aprofundamento da discussão sobre o papel da Educomunicação e suas interfaces no âmbito educacional.

Palavras-chave: Educomunicação; Protagonismo; Rádioescola.

ABSTRACT:

Education in the current form is not able to achieve the explicit goal of its definition. It is urgent an emancipatory approach that can arouse in students proactivity. Faced with this problem this article discusses about youth leadership connected with production radioschool as educommunication interface. For this we use the participatory methodology combined with theoretical basis to analyze the experience of youth participation in radio production at a public school in the interior of Goiás. In the end, the results show that youth participation linked to with Educommunication contribute qualitatively to the process of teaching and learning, which is why the present report tends to contribute to the further discussion on the role of Educommunication and its interfaces in the educational field.

Introdução:

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Graduado em Ciências e Sistemas de Informação e Ciências, especialista em biologia. email: biomarllos@gmail.com

²Graduada em Pedagogia (1995). Mestre em Comunicação Social - UEMSP (2002). Doutora em Educação - UFMG (2010). Professora Adjunta - Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

O rádio é um dos meios de comunicação mais antigos do Brasil, tendo sua primeira transmissão no ano de 1922 (Roquette Pinto). Mesmo com os avanços da tecnologia, o rádio persiste nos lares, passando hoje por uma metamorfose, deixando de lado os velhos radinhos de pilha e se inserindo nos smartphones e tablets além de estar presente ainda na internet, libertando-se do casulo tecnológico para se firmar no mundo sem fronteiras.

No estado de São Paulo, por exemplo, o rádio vem sendo o veículo de comunicação com maior audiência, alcançando o dobro da TV aberta no período da manhã (IBOPE/2012), atingindo todas as camadas sociais. É fato que a maioria das rádios tem cunho comercial, sendo destinadas à obtenção de lucros. O que se discute aqui é que este meio de comunicação possui grande potencial para fins educacionais, quando levado em consideração o protagonismo juvenil e a Educomunicação no ecossistema educacional.

Antes de iniciar o relato faz-se necessário uma breve discussão sobre a educação nos moldes atuais e dos princípios norteadores que torna o rádio, um veículo social de Educomunicação e cidadania, tendo como arcabouço teórico os autores: Freire (1969), Delor (1996); Soares (2006), Brose (2001), Moreira (1991), Soares (2011). Ao final faz-se então, um relato envolvendo a metodologia aplicada e concomitantemente apresentase a contribuição do presente relato de experiência para a melhoria do processo educacional no Brasil.

A Educação nos moldes do Século XXI

É fato que a educação nos moldes do tradicionalismo é tão prejudicial quanto o analfabetismo. A atual dinâmica do ensino tradicional descrita por Freire (1977) destaca que:

“Nesta educação vertical, hierárquica, autoritária, tudo se processa para imposição de um saber, pois que o professor sabe tudo e o aluno nada sabe e assim aceita, sem pestanejar, as normas que o poder impõe. Procura-se deste modo desacreditar, extinguir nos jovens, o espírito crítico, de liberdade e de responsabilidade e até a consciência da cultura e da identidade nacionais”(FREIRE, 1969, p.17)

Em suma, a “educação líquida” nos moldes atuais não é capaz de alcançar os seus objetivos, deixando os estudiosos em pânico. Faz-se necessário a abordagem para uma

educação emancipadora que possa despertar nos discentes habilidades que os levem a compreender e interpretar dados, analisar e sintetizar informações, tirar conclusões lógicas imparciais, dominar as tecnologias, e que, ao final, os conduzam à liberdade de verdadeiros cidadãos.

A educação não se dá apenas no ambiente escolar, na verdade é um processo que envolve toda a sociedade. Ela está presente na escola, no seio familiar, nas empresas, e na convivência em comunidade. Todos educam e ao mesmo tempo são educados formando um ecossistema educacional.

As bases que apontam para esse novo paradigma educativo geralmente estão fundadas nos quatro “pilares da educação” (DELOR et.al.2010, p.31): aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver com os outros e aprender a ser. São objetivos que vão além da mera informação do desenvolvimento intelectual, compreendem toda a formação humana e social do discente. Esses objetivos não podem ser alcançados somente pela formação pela informação, eles compreendem: valores, atitudes, saberes, conceitos, comportamentos, procedimentos, dentre outros. Tudo isso não pode ser almejado com o ensino fragmentado de livros e apostilas, eles exigem novas perspectivas e uma nova visão de educação.

No paradigma atual, as linguagens oral e escrita ainda predominam no ambiente educacional, configurando um processo de repetição que leva o aluno a meramente decorar conceitos, datas e fórmulas, sem despertar o significado real e prático desses conteúdos.

Assim, o desafio da atualidade está em mudar o foco do mero ensinar, para a condução que possibilite o aluno saber no real sentido da palavra. A aprendizagem precisa ser significativa a ponto de despertar o desejo de levar a cabo os referenciais teóricos. A educação deve ser capaz de contribuir para o desenvolvimento pleno da pessoa, como propõe Delors, (*et al., ibidem, p.99*):

“A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo o ser humano dever ser preparado,

especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.”

Com uma educação emancipadora, o aluno passa ser o sujeito de sua própria aprendizagem, tendo como incentivador a figura do docente. Entende-se que deve haver um diálogo aberto, uma co-responsabilidade entre os atores do meio educativo num processo de “comunicação / educação”.

A Comunicação no Processo Educacional (Educomunicação).

A tendência atual é que o processo de educação deva se basear na prática da comunicação de via dupla, o que torna a “**Educomunicação**” essencial para atingir os objetivos propostos pelo paradigma que hora se forma. O termo Educomunicação é apresentado por Soares (2006, p.179) como sendo: “...conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programa se produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais.”

Seguindo raciocínio, a Educomunicação se define como um conjunto de ações destinadas a fortalecer os ecossistemas comunicativos em espaços de aprendizagem, integrar práticas educativas ao processo de comunicação. Entende-se, então, que a Educomunicação é um processo ativo e mútuo, uma via de mão dupla (*full duplex*), refletindo na troca de saberes, no envolvimento professor e aluno no diálogo educ comunicativo.

Não se pode alcançar uma educação emancipadora quando não há a participação ativa da figura do aluno como membro do ecossistema educacional. Daí a importância do protagonismo no ambiente escolar.

Em conformidade com Soares, Paulo Freire em seu livro “Pedagogia Crítica” destaca que o conhecimento não pode ser imposto, nem é uma doação do professor para o aluno. A relação ensino e aprendizagem é um processo dinâmico, de transformação

recíproca e contínua entre os atores do processo educacional, resultando em conhecimento e não meramente na aquisição de informações.

O conhecimento é uma ação dialógica, reflexiva que se constrói através do contato entre o meio social, ou seja, com outros indivíduos. O processo envolve as experiências vividas pelos alunos, sentimentos, desejos e anseios e sua interação. O conhecimento não é algo pronto, está constantemente em processo de construção.

Piaget (1969, p.14) foi o primeiro a propor que todo conhecimento é construção, elaboração de algo novo a partir da interação, da relação do sujeito com o objeto, esse objetivo é alcançado quando o sujeito age ativamente sobre o objeto.

O protagonismo Juvenil

Considerando que o conhecimento é adquirido a partir da interação entre o sujeito e o objeto, obviamente deve haver “algo” que impulse o indivíduo a essa ação, isso aponta para a importância do protagonismo.

A palavra protagonismo origina-se da junção de duas palavras gregas: *protos*, que significa o principal, o primeiro e *agonistes*, que significa contendor, competidor, lutador. Quando se define protagonismo juvenil, fica certo, neste caso, a posição central do adolescente na busca por sua autonomia, sua identidade como membro de uma comunidade, sua capacidade de participar e de influir de maneira consciente no curso dos acontecimentos, exercendo um papel autônomo e transformador de sua vida. Isso implica não ser um mero figurante no ambiente social, não ser indiferente aos assuntos e problemas de nosso tempo, mas principalmente tomar para si a responsabilidade pelo aprender.

A adolescência é uma etapa da vida, marcada por modificações profundas, seja no campo social quanto cultural. Ela é, ainda, constituída por um período de transformações em que o potencial criativo do indivíduo está em formação. Muitas transformações surgem da necessidade do *sujeito de* acreditar em si mesmo, de encontrar o seu estilo de vida, de se construir, de inovar, de criar sua própria identidade.

Explorar esse período de mudanças tornará concisas as ações do futuro adulto, desde que ele não seja impedido de explorar o seu potencial criativo, sua originalidade, seu protagonismo. Escámez e Gil (2001, p.26) são claros quando relatam o posicionamento do meio social quanto ao protagonismo juvenil:

“...a proposta de protagonismo juvenil com que trabalhamos [...] pressupõe um novo modelo de relacionamento do mundo adulto com as novas gerações. Esse relacionamento baseia-se na não imposição a priori aos jovens de um ideário em função do qual eles deveriam atuar no contexto social. Ao contrário, a partir das regras básicas do convívio democrático [demarcado pela cidadania assentada no diálogo], o jovem vai atuar, para em algum momento de seu futuro posicionar-se politicamente de forma mais amadurecida e lúcida, com base não só em idéias, mas, principalmente, em suas experiências e vivências concretas em face da realidade.”(Escámez e Gil . 2001, p.26)

Uma vez que a escola abre-se para o diálogo ao invés da imposição, da co-participação e da abertura para as ideias, ocorrerá um avanço significativo na formação do aluno cidadão. Quando o aluno é inserido em atividades em que sua participação é ativa, ou seja, quando suas ideias e opiniões são ouvidas e consideradas, o aluno passa de um mero telespectador para um agente de transformação social do seu próprio contexto, isso acaba colaborando para a construção de sua identidade, para a elevação da autoestima e para sua inserção no meio social.

Segundo Delors (1996), professores e alunos que se articulam em equipe passam a ser co-responsáveis pelo processo educativo. A partilha, a integração e a interatividade entre os atores criam um vínculo afetivo, quebram barreiras invisíveis até então intransponíveis, transformando-os em parceiros, perfazendo-se laços de amizade baseados na afetividade. Torna-se indispensável a “alforria” dos discentes e a inserção dos mesmos no ecossistema educacional como agentes ativos do processo de ensino e aprendizagem.

Muitas experiências no âmbito de uma abordagem protagonista já se fazem presente, não na escola, mas em projetos sociais como: Cala-boca já morreu, Instituto Aliança, Cipó, Nas Ondas do Rádio, dentre outros. Os projetos citados retratam o protagonismo juvenil no contexto social e demonstra através de experiências práticas o envolvimento,

a participação e a proatividade dos atores (alunos) envolvidos direta ou indiretamente nas atividades, demonstrando o potencial dos jovens.

A escola deve abrir-se (derrubar os muros), criar meios que venham facilitar a participação alunos neste espaço, permitindo a troca de aprendizagens, a construção de novos saberes, a democratização das informações, enfim, o pleno exercício da cidadania garantida pela constituição federal.

Muitas são as estratégias para se alcançar o protagonismo juvenil no ambiente escolar. É neste sentido que vislumbramos o rádio como veículo transformador, emancipador, participativo e que vem dar espaço para o agir consciente o despertar para a cidadania e a inclusão social.

O Rádio no Ambiente Escolar

Desde sua invenção em 1895, pelo italiano Guglielmo, o rádio vem sendo um veículo comunicação utilizado para os diversos fins seja político, comercial e utilidade pública, aguçando a curiosidade e imaginação do ouvinte.

No início de sua implantação no Brasil, o rádio manteve uma relação com a educação e a cultura, no entanto esse aspecto em particular só ganhou força entre 1990 e 2000, quando surgiram iniciativas em movimentos sociais, rádios comunitárias e projetos de caráter educativo.

O rádio na escola ou simplesmente Radioescola figura como objeto de educação e comunicação. Segundo Ismar (2006, p.31), “o rádio no ambiente escolar pode representar o primeiro passo na forma de educar e ser educado.” Significa que, a partir do exercício do protagonismo, o diálogo abre-se à Educomunicação e ultrapassa a fronteira da simples aprendizagem de conteúdo e se estende para um ecossistema educacional indo para além dos muros da escola, do bairro e até, do próprio município.

O rádio, no ambiente escolar, acende a possibilidade do diálogo da participação e da inclusão, pois os atores podem ser os próprios alunos, tornando-os, assim, protagonistas, aprendizes e colaboradores do/no processo ensino e aprendizagem.

Fica claro que a atuação do jovem como protagonista (protagonismo juvenil) no ambiente escolar é o fator desencadeante para uma aprendizagem significativa e “para todos”. É nesse ponto que o presente artigo se concentra, já que o protagonismo pode ser uma ação coletiva ou individual, independente de classe social, crença ou valores.

Diante desse contexto, expõe-se o relato de experiência do uso Rádio no ambiente escolar, apontando os principais benefícios e deficiências de sua utilização, utilizando para tanto a metodologia participativa Brose(2001), aquela que considera os participantes como membros ativos do processo de aprendizagem. A metodologia é baseada na vivência, no prazer e na participação em situações reais ou simuladas, o que a torna coerente com a linha de pensamento do presente artigo.

O PROTAGONISMO JUVENIL NA PRODUÇÃO DE RÁDIOESCOLA RELATO DE EXPERIÊNCIA

A partir dos conceitos discutidos e analisados até aqui, passamos para o relato do protagonismo juvenil na produção de rádio no ambiente escolar, especificamente numa escola pública de uma cidade do interior de Goiás.

A escola atende hoje 1880 alunos, distribuídos em três turnos, compreendendo o ensino fundamental II (6º ao 9º ano), ensino médio regular e ensino médio EJA (Educação de Jovens e Adultos).

A ideia do projeto *Rádioscola* surgiu no ano de 2007, após os alunos sugerirem “algo” novo no ambiente escolar em que eles pudessem se expressar, melhorar a oratória e ter voz ativa. A direção da escola apoiou a ideia e viabilizou o projeto, adquirindo os equipamentos necessários.

A primeira turma de alunos envolvida diretamente no projeto foi “recrutada” tendo como alvo alunos que tinham baixa estima, que não se comunicavam e apresentavam uma vida social à parte dos outros colegas e principalmente por se destacarem como sendo alunos indisciplinados. Também foram recrutados dois alunos portadores de necessidades especiais.

O primeiro passo foi a escolha de um nome para a Rádio. Vários nomes foram sugeridos por alunos, professores e pelo grupo gestor. Após muita discussão entre os envolvidos na fase inicial, por votação foi escolhido o nome Alternativa – A rádio escola nota 10.

O passo seguinte foi a instalação dos equipamentos. Aqui nota-se o envolvimento dos pais dos alunos no ambiente escolar. Como praticamente não existiam alunos e professores com habilidades para a instalação de caixas acústicas e equipamentos de som, alguns pais se dispuseram instalar os mesmos.

Instalados os equipamentos, houve a necessidade de se estudar o rádio no ambiente escolar. O professor-coordenador do projeto, após uma oficina de rádio promovida pelo projeto Educom-Rádio Centro-oeste, apresentou alguns textos sobre o assunto no contraturno, tais objetos de estudo foram estudados por alunos e professores. Estudou-se a produção de rádio, os diversos tipos de programas (de cunho cultural, jornalístico, entretenimento), a produção de vinhetas, a operação do sistema de programação e a veiculação dos mesmos.

A primeira atividade interdisciplinar proposta antes da inauguração da rádio foi a estatística de gênero musical, que foi desenvolvida nos três turnos e contou com a presença de todos os integrantes da rádio. Notou-se uma diversidade de gostos e ecossistemas diferentes, sendo que cada período apresentou um gênero musical diferente, comprovando a existência de uma diversidade cultural no meio escolar.

De maneira coletiva os membros participantes definiram os horários de cada equipe (os alunos foram distribuídos por meio de sorteio em grupos) da rádio e as regras básicas de convivência no ambiente escolar, dentre elas: não ter mais de duas notas abaixo da

média, ser membro ativo da rádio e responsável pelo ambiente de aprendizagem, colaborar com a aprendizagem dos outros colegas, além de ser parceiro do corpo docente.

A avaliação do projeto sempre se deu de maneira qualitativa, utilizando-se do diálogo entre os membros participantes, professores e comunidade escolar. Durante o processo levou-se em consideração a auto avaliação dos alunos e a avaliação dos professores da escola.

Os alunos se envolveram no projeto, passando a produzir diversos programas de rádio durante os intervalos dos turnos (matutino, vespertino e noturno). Notou-se através de observações diárias o envolvimento, a socialização dos alunos e a mudança de comportamento em relação aos demais colegas. Houve uma melhora na autoestima, no envolvimento nas aulas, na participação dos alunos evidenciando o observado por Citelli (2000, p.98):

“É preciso de fato fazer o aluno assumir a sua voz como instância de valor a ser confrontada a outras vozes incluindo-se a do professor. Desse modo, a sala de aula passaria a ser entendida como um lugar carregado de história e habitado por muitos atores que circulariam do palco à platéia à medida que estivessem exercitando o discurso” (CITELLI, 2000:98).

No ano seguinte, devido à inserção do Projeto Saúde nas Escolas e o Projeto Sociedade Em ação, ambos interdisciplinares, os alunos produziram *spots*³ sobre crimes ambientais DSTs (doenças sexualmente transmissíveis) e para campanha de combate ao abuso de crianças e adolescentes do CREAS, que foram veiculados em rádios comerciais da cidade.

Ao final do segundo ano de existência, analisando este meio de comunicação no ambiente escolar (Rádio-escola) notou-se que os alunos passaram a ter uma reflexão sobre a linguagem e a produção, passando a serem críticos de programas veiculados em rádios da cidade. Era comum comentarem sobre a programação das rádios da cidade. Assim, também tornaram mais críticos em relação ao que produziam, pois ocorreu a aprendizagem significativa, já que eles mesmos foram produtores, emissores e

³SPOTS - “Fonograma usado como peça publicitária com ou sem música e ruídos.” (PRADO, 2006, p. 172)

receptores de programas da radioescola. Como bem disse Greenfield (1988, p.144) “... uma vez que as crianças tenham tido experiência como produtoras, elas serão consumidoras mais exigentes”. Ao fazer parte da produção, o aluno passa a compreender processos, construir conceitos, analisar situações, dominar a linguagem, emitir pareceres e opiniões próprias, garantindo o pleno exercício da cidadania.

A Educomunicação utilizando o protagonismo ainda contribui com a inclusão social. Como foi dito, durante o período delimitado, havia dois alunos portadores de necessidades especiais. O envolvimento foi tão efetivo que um dos alunos (portador de deficiência visual e física) atuou como locutor durante o último ano. Os colegas o auxiliavam, buscando-o em sua sala antes do intervalo, neste espaço de tempo informavam a pauta e o mesmo comandava o programa durante seu dia como locutor. O fato que se nota não é apenas o envolvimento direto do aluno, mas sim a interação entre os membros do projeto que passaram a trabalhar de maneira coletiva, responsabilizando-se uns em pelos outros, criando vínculos de amizade e fortalecendo o ecossistema educacional.

O outro aluno com deficiência, na época tinha apenas 20% da visão, foi decisivo na produção da programação e da composição em conjunto com o professor coordenador da música tema da rádio, além de ser um dos interpretes.

Durante os conselhos de classe, ficou evidente o respeito que os alunos ganharam dos professores, inclusive aqueles que “desconfiavam do projeto”. Estes passaram a ter os “alunos da rádio” como parceiros em projetos interdisciplinares atuando como protagonistas e membros conselheiros de atividades durante o ano letivo, além de serem os responsáveis técnicos pelas atividades que envolviam tecnologias. Vale ressaltar que as disciplinas que mais tiveram envolvimento no projeto foram: biologia, matemática, física, língua portuguesa e educação física.

Com a atuação dos alunos como protagonistas, agentes de transformação, a instituição de ensino foi contemplada com selo de Escola Solidária, o CREAS da cidade foi destaque em um encontro nacional, uma vez que os alunos do projeto gravaram vinhetas de caráter educativo em combate ao abuso de crianças e adolescentes.

Como pontos negativos observou-se que alguns alunos passaram a se envolver muito com o ambiente *Rádioscola* ignorando o ambiente de sala de aula. Estes, após reunião e autoavaliação, foram orientados pelos colegas e pelo coordenador do projeto, sobre horários e tarefas a serem cumpridas durante o ano letivo.

O segundo aspecto negativo observado foi a resistência de alguns educadores que, encontram-se arraigados no ensino tradicional de via única. Não abriram espaços em seu planejamento para inserirem atividades que pudessem envolver a rádio. Assim, nota-se a necessidade de promover a qualificação de professores como forma de conscientização para que ocorra a inserção pedagógica de instrumentos educacionais no ambiente escolar de forma que todos possam se beneficiar ante a esse novo paradigma. No entanto, para que isso ocorra é necessário flexibilizar os currículos, libertar a escola e seguir rumo a uma educação emancipadora que venha a superar obstáculos burocráticos e de resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo metodológico de escola “engessada” não tende a prevalecer por muito tempo. Com os avanços na tecnologia e com a crescente demanda democrática de inserção do aluno como protagonista no ecossistema *educativo*, o curso natural é de haver uma revolução na forma como que ocorre o processo de ensino e a aprendizagem.

Notou-se, claramente, nos dois anos analisados neste relato, que a participação ativa da comunidade escolar é o primeiro passo para se obter um ecossistema educativo, em que todos ensinam e todos aprendem, em que o aluno “exista” realmente e não seja apenas um agente passivo do processo.

Faz se necessário, no entanto, uma abordagem quantitativa e um estudo mais profundo das implicações do uso da Educação no campo das disciplinas, o que não implica em desconsiderar o caráter qualitativo descrito no presente relato.

Propomos a inserção da Educomunicação como potencial inovador, capaz de transformar meros receptores de informações em cidadãos críticos, participativos e proativos.

Esperamos que o presente relato sirva de provocação e que possa subsidiar a ampliação do debate contribuindo para a melhoria da educação através da Educomunicação e do protagonismo juvenil no ecossistema educacional, aliado à uma metodologia inclusiva, fortalecendo a disseminação do saber no seu mais amplo sentido “aprender a ser” (DELOR et al.,2010, p. 31).

REFERÊNCIAS:

COSTA, A. C. G.; VIEIRA, M. A. Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática. São Paulo: FTD; Salvador: Fundação Odebrecht, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

ALMEIDA, Benedito Hamilton. Padre Landell de Moura: Um herói sem glória. São Paulo: Record, 2006.

MOREIRA, Sônia Virgínia. O rádio no Brasil. Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1991.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (organizadores). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BROSE, Markus. Metodologia Participativa - Uma introdução a 29 instrumentos, Rio Grande do Sul: Tomo Editorial, 2010.

PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. 22. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 136p. (Texto original publicado em 1969).

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoImpresso.html?conteudo=2154><acessado em 08 de junho de 2015 às 21h>

BROSE, Markus. Metodologia participativa: Uma introdução a 29 instrumentos. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. A Rádio na escola: uma prática educativa eficaz. Revista de Ciências Humanas: Universidade de Taubaté. Ano 2001. v. 7. n.2, jul/dez. p. 33-38.